

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO  
INFANTIL**

## **CARTAS DE UMA PROFESSORA DO BERÇÁRIO**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**Andreia Aparecida Liberali Schorn**

**Santa Maria, RS, Brasil.**

**2013**

# **CARTAS DE UMA PROFESSORA DO BERÇÁRIO**

**Andreia Aparecida Liberali Schorn**

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, Área de Concentração em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Docência na Educação Infantil.**

**Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup>. Waléria Fortes Oliveira**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2013**

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação  
Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova o Trabalho de Conclusão de Curso

**CARTAS DE UMA PROFESSORA DO BERÇÁRIO**

Elaborada por  
**ANDREIA APARECIDA LIBERALI SCHORN**

Como requisito parcial para obtenção do grau de  
Especialista em Docência na Educação Infantil

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

**Profª. Drª. Waléria Fortes de Oliveira**  
(Presidente/Orientador)

**Profª. Drª. Viviane Ache Cancian** (UFSM)

**Profª. Drª. Noeli Valentina Weschenfelder** (Unijuí)

Santa Maria, 13 de setembro de 2013.

## **RESUMO**

Trabalho de Conclusão de Curso

Centro de Educação

Universidade Federal de Santa Maria

### **CARTAS DE UMA PROFESSORA DO BERÇÁRIO**

AUTORA: Andreia Aparecida Liberali Schorn

ORIENTADORA: Waléria Fortes de Oliveira

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 13 de setembro de 2013.

**RESUMO:** O presente trabalho tem por objetivo estudar e dar visibilidade às práticas pedagógicas mais qualificadas no exercício da docência em Educação Infantil em uma turma de berçário, nível dois, desta professora. O estudo foi construído através de cartas que contam a história profissional da professora em um memorial e averiguam em sua prática docente o seguinte problema: É possível trabalhar com a metodologia de projetos no Berçário II, criando por meio desta metodologia atividades diversificadas, significativas e lúdicas para os bebês? A professora apoia seu estudo nos saberes construídos ao longo do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil e tem por objetivos procurar redimensionar o tempo escolar no berçário para que o educar tenha espaço relevante no planejamento das propostas do berçário, ampliando assim a prática de projetos educativos que interessem os bebês, de modo que eles possam se desenvolver integralmente. O estudo foi articulado na discussão com autores que pensam a Educação Infantil atualmente como: Barbosa (2008), Horn (2004), Rinaldi (2012), Wallon (1989), Kaercher; Craidy (2001), Corsino (2009), Oliveira (2002), entre outros. O artigo considera também que é brincando e projetando com intencionalidade o tempo das crianças no berçário que vamos desenvolver junto com os bebês a autonomia e a cooperação capazes de promover aprendizagens.

**PALAVRAS-CHAVE:** Práticas Pedagógicas - Projetos – Berçário

## **ABSTRACT**

The present work aims to study and give visibility to the most qualified teaching practices in the teaching in Early Childhood Education in a nursery class . The study was built through letters that told the teacher's professional story and those inquire the following problem analyzing the teachers practice: is it possible to work with the project oriented methodology in Nursery, creating through this methodology varied activities , meaningful and entertaining for babies ? The study aims to seek resize school time in the nursery so that the space has to educate the relevant planning proposals nursery, thus expanding the practice of educative projects to engage their babies, so that they can fully develop . The study was articulated in discussion with authors who think the kindergarten today as Barbosa (2008), Horn (2004), Rinaldi (2012), Wallon (1989), Kaercher ; Craidy (2001), Corsino (2009), Oliveira (2002). The article also considers that it is playing and designing with intentionality children's time in the nursery that we develop together with autonomy and cooperation in babies and also promote learning.

**KEYWORDS:** Pedagogical Practices - Projects – Nursery

## SUMÁRIO

<b>Memorial - cartas de ontem .....</b>	<b>03</b>
<b>Introdução – cartas de agora .....</b>	<b>10</b>
<b>Cartas da história da educação infantil .....</b>	<b>13</b>
<b>Descrição da ação – cartas de novidades .....</b>	<b>14</b>
<b>Desenvolvimento das sessões - cartas metodológicas .....</b>	<b>18</b>
<b>Grupo estudado – cartas tão nossas .....</b>	<b>19</b>
<b>Análise das sessões – contextos em cartas teóricas .....</b>	<b>22</b>
<b>Considerações finais – cartas para serem respondidas .....</b>	<b>29</b>
<b>Referências bibliográficas .....</b>	<b>32</b>

## MEMORIAL - CARTAS DE ONTEM

Santa Maria, 04 de janeiro de 2013.

Para uma criança muito especial!

Papel, palavra, coração... Imprimo o que me contém. Escrevo este memorial para contar a criança que fui, um pouco da professora que me tornei.

Olá pequena Andreia? Como vai você e sua família? Sei, somos filha de gente muito trabalhadora. Helena Assunção Liberali Schorn, cozinheira e costureira nas horas vagas, José Mauro Oliveira Schorn, bancário. Temos irmãos: Guilherme, Marcelo e Letícia, grandes companheiros de aventuras. Pergunto de nossa família porque sei que você continua sua caminhada junto com eles, mas agora sem muitas possibilidades de encontrá-los tão seguido como era a convivência naquela época. E isso faz uma falta! Você nem imagina! Porém, futuramente, quando já tiver seus filhos, chegará a Luciana, outra e bem novinha irmã, que os aproximará bastante.

Eu estou de férias do trabalho e com muitas saudades de você. Quero contar-lhe algumas novidades. Espero que tenha um pouco de tempo. Não deste tempo atrelado ao relógio. Falo do tempo de criança, o tempo que corre na velocidade das brincadeiras. Este tempo mágico que é capaz de nos aproximar. Nós continuamos fazendo muitas coisas ao mesmo tempo, porém agora não me divirto tanto. A vida complicou um pouco. Então se deixe estar um pouco menina de cabelos revoltos e leia com atenção!

O tempo passa... Hoje sei que está completando sete anos de idade e vivenciando seu primeiro ano de escola, em meados de 1978. Parabéns! Nós estamos em janeiro de 2013 e, do alto dos meus quarenta e um anos posso lhe afirmar: tu irás gostar desse ambiente escolar durante toda a sua vida! Está na primeira série, querida, e aprendendo a ler. A leitura é algo que lhe abrirá novos mundos em todas as estações. Seus primeiros anos escolares serão decisivos para a sua vida toda. No Natal deste ano em que te encontras, aprenderás a ler com habilidade e pedirás de presente um quadro negro com caixas de giz branco e colorido e ele revelará na vivência de muitos jogos simbólicos para ti o gosto pela profissão que representa: a **docência**.

Tu cresces com essa ideia e no teu interior ela vai ganhando sabores, aromas, vontades. Ela vai agregando sonhos e desafios ao seu caminho. Na escola, cada nova professora e professor se estabelecerão como uma referência em sua vida. Conhecerás gente entusiasmada pelo magistério, sisuda, cansada, gente brava e amarga, mas fortes referências para continuar firme no propósito de tornar-se professora.

Nossos tempos são outros. Mas continuamos, tu e eu indo para a escola todos os dias. Então te conto, ingressas brevemente no Ensino Médio, na tua época chamado de segundo grau, e comesas a cursar o Normal. Nós duas sabemos da alegria desta escolha. Enfim, nessa ocasião, comesas a te preparar efetivamente para o exercício da profissão que tanto te encanta. O que te encanta é possibilidade de ensinar, a alegria das crianças, o carinho delas, a forma como descobrem o mundo. Tornar-se normalista te causou um sentimento de orgulho. Entre a formação para obter o segundo grau e as disciplinas específicas do magistério, precisarás vencer o medo de falar em público. Destaca-te, neste tempo, pelo capricho nos trabalhos e pela quantidade de recursos criados para as tuas aulas.

O curso Normal nos anos de 1986 habilitava para atuar como professora nos anos iniciais do Ensino Fundamental e nas creches. Uma vez formada, era possível fazer concursos para o magistério e trabalhar em qualquer escola da rede pública e ou privada.

Mas as novidades não param por aí. Deves estar pensando: “Enfim, me encontrei. Tornei realidade o meu sonho de criança: ser professora.”. Porém, o que já parecia bem definido não foi tão simples assim.

Era chegada a hora de cursar uma Universidade. O pai mudou-se muitas vezes de cidade, levando toda a família. Normalista formada, tu passas a morar em uma cidade do interior. Em Horizontina, não havia nenhum curso superior e a universidade federal mais próxima era em Santa Maria. Não havia tempo a perder, ou seja, ou fazias o vestibular ou, por exigência familiar, exercias a profissão para a qual tinhas te preparado. E decides, veja só, pelo vestibular. Candidata-te para uma vaga em Educação Especial, habilitação deficientes em audio-comunicação na UFSM e és aprovada no ano de 1989. A escolha do curso foi vinculada a um encontro que aconteceu no estágio como normalista como uma menina chamada Suzana, que era surda e também não falava, a qual tu não conseguiste alfabetizar, nem integrar em tua turma. Ela não era atendida como deveria, pois tu foste orientada para atender os outros, “normais”, e entretê-la, da melhor forma possível. Logo depois do teu estágio de seis meses, ela foi afastada dessa escola e nunca mais soubemos de sua vida escolar. Mas esse fato marcara tua trajetória de tal forma que cursou sete semestres de Educação Especial com



muitas dificuldades porque a perspectiva do curso não era a que tu sonhavas. O curso, naquela época, preparava para atender individualmente os deficientes auditivos e não era esse o propósito que te atraiu até ele. Foi sofrido contar ao pai e a mãe que havíamos cometido um erro e estávamos deixando o curso de Educação Especial antes da formatura.

Inicia, nesse momento, uma crise de identidade muito grande para ti. Ser professora era a única certeza que tinhas. Então, mãos à obra. Em Santa Maria ainda, em 1990, decidiste, para o nosso bem, entrar em sala de aula, novamente. Ter desistido do curso de Educação Especial foi frustrante, desistir de ser professora não era uma meta.

Trabalhar era o objetivo. De creche em creche, pedi uma vaga para exercer a docência, abandonando, completamente, os estudos. Em seguida, comecei em um berçário. O encontro com a Educação Infantil foi apaixonante. Era uma escola pequena, bem aconchegante e poucas crianças em cada turma. Passava a manhã brincando com elas e embalando-as. Antes que você pergunte o que aconteceu e se eu desisti de novo, digo-lhe que não! O fato é que a vida é cheia de surpresas e as decisões na vida pessoal mudam o rumo da vida profissional. Aos vinte e um anos, eu me apaixonei por um moço de sorriso largo e que gostava da vida, da natureza e dos animais.

Querida menina, eis que o amor tornou tudo urgente e te mudaste de cidade, tendo tudo sido transformado e seguindo um recesso de sete anos para casar e ter filhos. O nascimento do Vitor e do João Gabriel exigiu a volta para o mercado de trabalho, uma vez que as despesas aumentaram e que ser professora era algo indissociável da mãe e da mulher que te tornaste.

De volta para Santa Maria, em 1997, mãe de dois meninos, neste momento com a idade de 2 anos (Vitor) e 1 ano e 2 meses (João Gabriel) retornaste para a profissão. Na creche em que matriculaste teus bebês, havia uma vaga no berçário, para trabalhar como recreacionista, vaga esta que assumiste. Então, a rotina passou a ser deixar os meninos no turno da tarde na escola com suas professoras e, ao mesmo tempo, entrar em outra sala de aula onde eras auxiliar de uma turma com 28 bebês na faixa etária de 0 a 1 ano.

Conto pra ti também que foste contratada por indicação de uma amiga que já trabalhava nessa escola, de modo que matricular também os meninos ali foi uma opção que facilitou a tua vida.

O motivo pelo qual te deram a vaga de auxiliar no berçário deixou claro a concepção de criança pequena e de professor de Educação Infantil. Tu havias deixado evidente que gostava de crianças, tinha filhos, possuía o diploma do magistério e precisava trabalhar.

Tornaste naquele momento, ao invés de professora, tia. E “tia” de 28 bebezinhos. Teu trabalho era cuidar bem deles. Não havia a preocupação com a formação de profissionais para trabalhar com crianças pequenas. Tu não tinhas nenhuma qualificação para esse trabalho, sendo que a professora responsável tinha segundo grau e suas auxiliares como eu estavam em formação (ensino médio) ou não. A única professora com formação em Pedagogia era a professora diretora da escola. As reuniões pedagógicas que havia tratavam de dar avisos gerais e de organizar as festas da escola marcadas por datas comemorativas. Isso demonstra claramente a concepção de Educação Infantil que permeava as práticas, naquela época. Aos menores de 5 anos, era apenas necessário prestar os cuidados básicos de higiene e alimentação, para que pudessem passar as horas em que seus pais estivessem no trabalho.

Quero registrar para ti o quanto era exaustivo isso. Apesar de gostares muito de crianças, exercer a profissão escolhida, tornou-se angustiante. Cronometravas o tempo para trocar as fraldas das crianças, mantê-los limpos e alimentá-los. Fazias dormir, embora a maioria adormecesse sozinha, após reclamar atenção. Tudo no outro dia seguia da mesma maneira. Faltavam braços para atender tantas crianças, as pernas não sentavam nunca. Nem tempo tinhas para ir ao banheiro, assim como tuas colegas. Havia brinquedos na sala e equipamentos de som, mas não conseguias planejar nenhum trabalho pedagógico. As pessoas adultas da sala, professora e auxiliares, davam ênfase apenas no cuidado e entretenimento das crianças. Não havia nenhum trabalho de formação com as professoras e auxiliares, tampouco reuniões de estudo. Se acontecesse de alguém ser mordido por uma criança ou cair, a culpa recaía em quem cuidava dela e teu trabalho era resolver a questão mesmo desconhecendo as razões que levavam as crianças pequenas morderem em determinado momento.

Em um breve período, pelo bom desempenho e a responsabilidade, passaste a função de regente de um berçário nessa mesma escola. Embora a carteira de trabalho não fosse assinada com a função de professora e sim de recreacionista, este se constituiu em um grande avanço e foi um incentivo para ti. O título dado pelas famílias e a Instituição era “tia” da sala. Todos te chamavam-me de “Tia Deia” e eras responsável por 20 bebês na faixa etária de 1 a 2 anos de idade. Trabalhavas com uma auxiliar apenas.

Fico feliz em te dizer, menina, que, uma vez responsável pela sala, entre os cuidados com os bebês, começaste a fazer, com a ajuda da auxiliar que trabalhava comigo, algumas atividades planejadas. Brincavas no pátio com os colchonetes, chamando isto de aula de ginástica. Os bebês amavam essa atividade, na qual, entravam e saíam de caixas de papelão grandes. Tu elaboravas circuitos, erguendo sob o teu comando e de canções, as partes do

corpo, etc. Tu contavas histórias e, vez ou outra, proporcionavas papel pardo e tinta para carimbar as mãos e os pés e pintar com eles lindos painéis. Trabalhaste alguns anos assim. No ano de 2000 fizeste concurso para o magistério Estadual em nível de Ensino Médio e foste aprovada. A partir daí, a jornada de trabalho aumentou e a vida melhorou. Era professora concursada à noite e de dia trabalhava em creche particular.

Mas, pequena Andreia, a vida ainda tinha sonhos e desafios pela frente. A prática da Educação Infantil exigia mais que dedicação e gosto. A todo o momento, as dificuldades aumentavam. Conheceste, então, gente jovem ingressando na carreira e começando como tu, como auxiliares, monitoras, estagiárias. Estas jovens professoras traziam tantas novidades, estudos, trabalhos acadêmicos, faziam entrevistas, estágios supervisionados, que te contagiaram novamente. Querias voltar a estudar, porém erraste o foco, ou seja, fizeste alguns vestibulares para outras áreas do Magistério como Letras, Geografia, Biologia, porque estavas cansada dos problemas da Educação Infantil. Estavas te sentindo pouco valorizada, mas desististe de todos os cursos.

Foste trabalhar, então, em outra escola de Educação Infantil, particular, padrão de excelência em sua estrutura física, no entanto, a questão pedagógica era pouco valorizada, pois os profissionais que ali atuavam norteavam a prática pedagógica com a finalidade de agradar os pais das crianças. Esta escola tinha uma concepção de educação infantil diferente, aqui nesta escola o educar tinha mais espaço, de modo que era exigido um trabalho pedagógico em cada sala. Nela, os adultos, eram chamados, preferencialmente, de professor. Havia atividades diversificadas, tais como: música, balé, inglês, informática e judô. Quinzenalmente, eram realizadas reuniões onde eram programadas atividades integradas da escola (festas) e levantadas as dificuldades que iam surgindo. De vez em quando, eram discutidos textos referentes à Educação Infantil e também era disponibilizado espaço para as professoras exporem os trabalhos que estavam realizando junto com as crianças. No entanto, a visão era empresarial, ou seja, a escola precisava lucrar e o foco era que os pais estivessem totalmente satisfeitos. Não havia limites de crianças por sala. Aumentavam o número de adultos por sala, caso fosse preciso. Aumentava, então, a quantidade de crianças, mesmo que não houvesse espaço físico para tanto. Admitiam tudo, como o ingresso de crianças com dias de vida, que ficavam em turno integral, se a família assim necessitasse. Muitas vezes, levaste crianças para tua casa, em regime de hotel, porque os pais delas trabalhavam até mais tarde e ou mesmo viajavam sem elas. Pagavam pouco ao professor e diminuía o salário caso algum

aluno saísse da turma. Além do salário, havia uma espécie de bonificação para cada aluno que permanecesse na turma.

Nesta escola conheceste uma jovem professora em especial que te incentivou muito. Chamava-se Bruna Rigo (in memoriam). Trabalhavam juntas, em um berçário, sendo que, primeiro foste sua regente e depois, ela foi a tua. Ela era conhecida pelas crianças como “*pofo Buna*” e tinha uma relação afetuosa com eles e as demais professoras. A Bruna mudou a rotina do teu berçário, definitivamente. No horário de almoço, elaboravam atividades para os bebês. Estas atividades eram desafiadoras, envolvendo movimentos e muitos experimentos e estimulações. Em um segundo momento, ela começou a falar para ti sobre projetos e a cada um deles tua trajetória profissional ficava mais rica. Não eram apenas as crianças que aprendiam, mas tu também.

Querida criança, dava gosto de ir para a escola de novo! Inventaste tanta moda nova do lado da Bruna e daqueles bebês, sentindo-te viva, de novo, para o Magistério e para a Educação Infantil. A Bruna, um dia, chegou com uma entrevista que precisava fazer para um trabalho em uma das disciplinas do curso de Pedagogia da UNIFRA que recentemente cursava. Ela, então, te convidou para responder as questões, depois te abraçou e disse que tinhas que voltar a estudar. Nunca mais ela parou de falar isto durante aquele ano e, no final de 2003, decidiste cursar Pedagogia.

Ah Andreia, mas como? Não tinhas mais tempo disponível para isso, pois tua jornada de trabalho já era de 60 horas. Mas aquela ideia não saía da tua mente. Assim, em 2004, surgiu um programa do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, em parceria com o Centro Universitário Franciscano, para graduar professores estaduais que não tinham nível superior ainda e para os quais seriam oferecidas as licenciaturas. Faltaste trabalho a noite para assistir a explicação do Projeto, que consistia em o professor da rede pública pagar a metade do curso, sendo a outra metade pago pelo Governo. Havia também a possibilidade de cursá-lo em regime de férias.

E foi o que fizeste, todos os meses de janeiro, fevereiro, julho e os sábados, durante quatro anos. Além da jornada de trabalho de 60 horas, te dedicaste aos estudos da Pedagogia. Foram anos difíceis e, ao mesmo tempo, gratificantes. Aprendeste muito. Em todos os anos, te superaste, vindo, frequentemente, a adoecer.

Antes da tua formatura foste à da Bruna, tendo depois ela assistido à tua, em 2008. Recebeste o diploma de Pedagoga, com habilitação em Magistério dos Anos Iniciais e apostilamento em Educação Infantil, ouvindo a canção Aleluia de Handel. Fizeram durante a

cerimônia de graduação, a mais linda surpresa feita por uma turma, a tua turma. Foste homenageada por ser solidária, disseram elas. A música escolhida para esse momento foi Canção da América de Milton Nascimento. Confesso pra ti, criança, que já fui... Meu coração quase parou naquele instante tão lindo de celebração da amizade e da alegria de compartilhar conhecimentos tão valiosos, naqueles anos... “Mas quem ficou, no pensamento voou/Com seu canto que o outro lembrou/E quem voou, no pensamento ficou/Com a lembrança que o outro cantou”...

Prometeste ao teu coração de professora nunca mais parar no tempo, nunca mais estagnar tua vontade de aprender e lutar por uma educação de qualidade. Em 2008, te inscreveste no Concurso da Prefeitura de Santa Maria para o cargo de professora de Educação Infantil e foste chamada no início de 2009. Assumiste, novamente, um berçário com 22 crianças. À noite, trabalhas como coordenadora da Educação de Jovens e Adultos. Sentes que há muito a ser feito ainda pela Educação Infantil. Em 2010, concluíste a especialização em Gestão Escolar porque acreditas que muitos dos problemas que os professores enfrentam na Educação Infantil sejam ligados a esta área e que os gestores precisam estar preparados para as mudanças. Pensas também que o educador de crianças pequenas é propositor e executor das políticas de Educação Infantil.

Em 2011, vibraste de alegria ao receber um convite da UFSM para, através do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, onde tu poderias qualificar as práticas na Educação Infantil. Encontraste neste curso professores e colegas com ânsia de fazer acontecer uma Educação Infantil melhor, pois é no período de zero a cinco anos que a criança deve vivenciar desafios e experiências nas interações com outras crianças e adultos que lhes permitem seu desenvolvimento pleno (afetivo, cognitivo, linguístico, psicomotor, social).

Por estas vozes é que professores de Educação Infantil necessitam estar bem preparados para a docência, de modo que venham a oportunizar vivências lúdicas mais interativas, significativas e enriquecedoras. Esta é uma educação que faz da criança pequena uma protagonista de sua história e um sujeito de direitos.

Para ti conto que a circunstância atual das crianças brasileiras nos faz procurar saídas viáveis para que as crianças pequenas tenham acesso, num breve espaço de tempo, a uma educação promotora das capacidades infantis. Não podemos nos omitir frente às situações que estamos vivenciando hoje, como superlotação nas salas, pequena oferta de vagas, poucos recursos humanos, pouco comprometimento com uma educação mais lúdica e afetuosa. O que

queremos são mais escolas que oportunizem viver a infância de forma digna, feliz e cidadã para que o reconhecimento do direito da criança à educação torne-se uma realidade.

Pequena Andreia, contei algumas das alegrias e dos desafios da tua vida. Dê a tua mão e venha trilhar este caminho. Peço que não desista dos teus sonhos e que apesar das dificuldades siga teu coração. Depois de ter vivido, pouco mais de quatro décadas de vida e ter tido perdas e levado sustos e caído, algumas vezes, podes ter orgulho de onde chegaste. Orgulha-te de ser professora da Educação Infantil e de ser esta pessoa que és.

Se não estiveres muito cansada por ter escutado toda essa história, peço ainda que te dirija ao pátio de tua casa e suba no galho mais alto do abacateiro, que foi plantado com a ajuda da tua mãe e de lá de cima te sintas a criança mais feliz que puder, porque fizeste o melhor que pôde e amaste lembrar dos cheiros, imagens, sentimentos e memórias. Não posso ficar no lugar onde estás, não consigo afagá-la, mas levo-a no coração, reencontrando-a em cada criança que recebes, a cada dia, na escola. Agradeço pelo tempo bom que tivemos, tu és uma criança muito especial e te digo que tenho muitas saudades, menina de cabelos revoltos... Até hoje, revoltos... Um beijo e um abraço carinhoso.

Andreia Aparecida Liberali Schorn

## **INTRODUÇÃO – CARTAS DE AGORA**

Sigo tua história menina agora como professora da Educação Infantil e depois de ter trabalhado, vários anos, com as turmas de berçário e continuar a minha trajetória profissional com os mesmos cabelos revoltos e a vontade de qualificar meu aprendizado na Educação Infantil, justifico e elejo para discutir neste texto as práticas pedagógicas realizadas, a menos, tempo. Por isso escreverei novas cartas endereçadas às minhas educadoras e às professoras de hoje!

Há estudos, como os de Barbosa e Horn (2008), que pontuam que o papel do educador do berçário é o de receber e conviver com crianças bem pequenas auxiliando-as a construir a si e ao seu dia a dia. É também sua função transmitir aquilo que conhece, isto é, as tradições culturais do seu grupo de pertinência e, ao mesmo tempo, abrir um novo mundo onde elas possam criar/produzir novas experiências, novos conhecimentos evidenciando que o

berçário deve ser um lugar onde as crianças não são apenas cuidadas, mas onde se podem desenvolver projetos educativos que levem em conta o interesse de crianças menores de três anos e seu desenvolvimento integral.

Este aspecto frequentemente é menos contemplado pelas Educadoras Infantis em face das rotinas exaustivas de um berçário. Uma vez, que para o bem-estar das crianças, é necessário assegurar a tempo e a hora, os cuidados, a higiene, a boa alimentação de todos os bebês, entre outras tarefas, o que é uma empreitada bem complicada nas nove horas em que os atendo na Escola Municipal de Educação Infantil de Santa Maria/RS. Isso se deve ao fato de que nesse berçário há vinte e cinco crianças e apenas três adultos responsáveis por estes bebês, em cada turno, dos quais apenas eu sou a professora, sendo os demais estagiários em formação no Ensino Médio.

Observando esse espaço, constato que esse é um ambiente pouco planejado, ou seja, não adequado para um berçário, já que não tem berços e colchonetes para todas as crianças e conta com uma parte do mobiliário inapropriado ao tamanho dos bebês. A superlotação, a falta de recursos humanos, o lugar um tanto improvisado para uma turma de berçário me levam a refletir e buscar alternativas para superar estas dificuldades, na medida do possível. Inquieta e preocupada com a circunstância atual, reflito a partir das ideias de HORN (2004), que descreve que essa “encruzilhada profissional”, em que nós professoras de berçário nos encontramos:

Sabemos que anos e anos de uma prática voltada somente para guarda e para o cuidado, de pouca atenção à formação profissional dos educadores infantis e de um atendimento precário em todos os sentidos não se dissiparão como em um passe de mágica. É chegado o momento de muito trabalho, de muitas modificações, sejam estruturais, sejam pedagógicas. (HORN, 2004, p.14)

E nesse momento crucial da minha vida de Educadora Infantil, frequentando o curso de especialização em Docência na Educação Infantil, é que me questiono e me movo no sentido de que é preciso fazer algo. Mas por onde começar? Que caminhos trilhar para produzir com as crianças pequenas uma Educação Infantil de qualidade?

Dediquei-me, então, a averiguar em minha prática docente o seguinte problema: É possível trabalhar com a metodologia de projetos no Berçário II, turno integral, criando por meio desta metodologia atividades diversificadas, significativas e lúdicas para os bebês?

Esse desafio acabou sendo muito mais instrutivo do que eu esperava. Delineei, assim, os seguintes objetivos: redimensionar o tempo escolar no berçário para que o educar tenha

espaço relevante no planejamento das propostas do berçário; ampliar a prática de projetos educativos que interessem os bebês, de modo que eles possam se desenvolver em todos os aspectos (afetivo, cognitivo, linguístico, psicomotor, social, etc.).

Esta temática fez com que eu percebesse que os bebês são muito inventivos e participam com muita criatividade de situações que lhes interessam, levando-me a construção de um projeto com algo simples e inusitado, como a barracinha que o menino HEN de um ano e seis meses trouxe para brincar no Berçário II. Vou contar-lhes!

A mãe de HEN chegou à porta para entregá-lo para mais um dia conosco, e enquanto HEN, já havia adentrado na sala correndo para ver o que VIC, de um ano e quatro meses, e LUC, de um ano e sete meses, faziam perto dos cavalinhos de gangorra, ela entregou a mochila e a uma espécie de rolo ensacado e falou:

*Profe Déia nós trouxemos esta barracinha porque o HEN ganhou ela da madrinha dele que gosta muito de acampar, mas não tem noção de espaço. Em nossa casa, a barracinha “não cabe” armada em nenhum lugar. Você poderia montá-la aqui hoje, já que tá chovendo e a sala é grande para os coleguinhas brincarem com o HEN?*

Sorri e aceitei com entusiasmo a sugestão dela para aquele dia que prometia ser muito desordenado, visto que é bem complicado manter os vinte e cinco bebês, nas condições já descritas, contentes, em um dia chuvoso, quando não podemos brincar no solário da sala e nem na pracinha.

Logo após o lanche da manhã, me arrisquei com os bebês e o jovem estagiário Leo, que é escoteiro, a montar com as crianças a tal barracinha. Neste momento, descobrimos que crianças bem pequenas concorrem em criatividade para organizar algo em comum em um clima de grande harmonia afetiva, que surpreende – com o subsídio de Leo, um a um dos bebês foi lhe alcançando as peças, panos e fios para deixar em pé o que, as crianças nem imaginavam, mas seria uma barraca.

Lamentavelmente, e apesar de todo o meu esforço, nunca poderei descrever a emoção que suscitou nos bebês a montagem desta. Só posso afirmar que foi emocionante vê-los tão felizes e envolvidos nesta atividade.

E foi desse modo que este trabalho iniciou. Porém, é preciso, antes de contar todos os seus passos, contextualiza-lo, em um tempo histórico.



## CARTAS DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Continuando a escrita deste trabalho preciso dizer que outras “cartas” já guardadas pelo tempo são importantes para compreendermos o que acontece hoje na Educação Infantil. Elas nos relatam que as escolas infantis que atendem crianças pequenas existem a muito tempo, mas a forma como se estrutura, atualmente, a Educação Infantil, é algo bem recente, e está se compondo ainda.

A partir da segunda metade do século XX, as escolas infantis no Brasil, surgiram da necessidade que as mulheres tiveram de lutar por trabalho, e tendo, nessa época, um caráter assistencialista. Com o aumento da mão de obra feminina nas fábricas e o movimento dos sindicatos por melhores condições de trabalho e atendimento de seus filhos em instituições adequadas passaram a mobilizar os empresários para que construíssem creches e instituições de atendimento à criança. Oliveira (2002, p. 93 – 95 passim) conta que:

As primeiras creches criadas no Brasil tinham como principais objetivos, atender os interesses do mundo do trabalho - dar condições às mães trabalhadoras, que necessitavam de um lugar para deixar seus filhos - e interesses sociais - retirar da rua as crianças abandonadas, prevenir e combater a desnutrição, formar hábitos de higiene e valores morais nas famílias. O trabalho era voltado somente para o cuidado e proteção, baseada em uma [...] concepção de educação compensatória, assistencialista, preocupada apenas com a higiene, alimentação e saúde.

E assim as exigências por instituições de cuidado à infância foram sendo dirigidas ao governo, bem como as reivindicações para que fossem criadas creches, escolas maternas e parques infantis públicos.

Surge, então, nos anos 70 e 80, um novo caminho que começa a ser trilhado pelos educadores a Educação Infantil no Brasil. O ingresso de crianças oriundas de segmentos da classe média e a luta dos movimentos operários e feministas pela democratização da educação pública brasileira pressionam o aprofundamento da discussão acerca dos conhecimentos pedagógicos, e exigem uma escola para crianças pequenas que se preocupe com o desenvolvimento integral. Este contexto nos levou à conquista do reconhecimento da Educação Infantil como um direito da criança e um dever do Estado, assegurados na Constituição de 1988, conforme aclara Corsino (2009, p. 15)

O direito à educação desde o nascimento, como consta na Constituição brasileira de 1988, é fruto de um longo processo de transformações sociais e de conquistas. Neste âmbito, a institucionalização da infância ganhou outros contornos, passando a ter de ser reinventada a partir de novas funções e concepções. As crianças pequenas, de qualquer classe social, têm o direito de frequentar instituições educativas. As que têm acesso à educação infantil – 13,4% das crianças brasileiras de 0 a 3 anos de idade e 70,5% das de 4 a 6 anos (IBGE-Pnad, 2004) – passaram a ter o seu cotidiano regulado por uma instituição responsável por educá-las, fora da esfera privada da família. Lugar público de convivência, de trocas simbólicas, de inserção cultural, de afetos e desafetos, de constituição de identidades e de subjetividades. Nesse cenário, muitas questões se impõem à educação infantil: como concebe suas funções? Como organiza o tempo e o espaço de convivência? Como considera suas necessidades e singularidades? Que práticas culturais e sociais desenvolve? O que as crianças produzem nas suas ações e interações? Que subjetividades emergem dessas interações institucionalizadas?

E o avanço deste processo nos levou à sanção da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96 – que estabelece a Educação Infantil dentro do Sistema Educacional, incluindo-a como primeira etapa da Educação básica. Desde, então, é proposto aos Educadores Infantis que venham a atender aspectos relacionados ao *cuidar* e ao *educar* de modo articulado. O compromisso agora é com o “desenvolvimento integral da criança, até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996, p.12)

Desse modo, a inclusão da Educação Infantil na Educação Básica representa o reconhecimento de seu aspecto formativo, valorizando a importância de investir no desenvolvimento integral da criança desde os primeiros anos de vida, para o exercício da cidadania e para a vida em sociedade, constituindo a infância como o alicerce do desenvolvimento humano.

E ao recordar o passado sendo hoje uma professora da Educação Infantil, venho por meio destas cartas, contar também as novidades.

## **DESCRIÇÃO DA AÇÃO – CARTAS DE NOVIDADES**

Quais são as novidades? Mesmo que a Educação Infantil tenha avançado, ao longo dos anos no Brasil, constato ainda que o trabalho docente nos berçários acontece muito voltado para os cuidados que as crianças necessitam. O que se vê, não raras vezes, é que este

atendimento voltado aos cuidados com as crianças pequenas tem norteadado a rotina na creche, relegando as práticas pedagógicas a um segundo plano.

E, profissionalmente, é nesse contexto desafiador que me encontro, hoje, uma renovada professora de Educação Infantil. O presente artigo aborda parte das representações e significações das minhas experiências educativas vividas ao longo de minha carreira docente e neste ano transformadas pelos estudos realizados no Curso de especialização em Docência na Educação Infantil, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Enquanto regente do berçário II, turno integral da Escola Municipal de Educação Infantil Centro de Atenção Integral à Criança (CAIC) Luizinho de Grandi - Núcleo de Educação Infantil, realizei com as crianças este projeto:

Em uma manhã deste ano, ao montarmos com os bebês a barraquinha de HEN, como professora, ainda não percebia a ciência de que ali estava iniciando realmente este estudo que seria apresentado no término do Curso em Docência na Educação Infantil, desafio este que me consumia e desacomodava, desde o começo deste processo. Isso porque nem mesmo eu havia me convencido que era possível encontrar algo que partisse totalmente do interesse de crianças tão pequenas e que viesse a ser um projeto. Para Barbosa e Horn (2008, p. 54), tal ansiedade é porque:

A postura pedagógica implicada nessa abordagem provoca muitas vezes certa insegurança aos educadores, já que eles não podem ter, desde o primeiro momento, o mapeamento do projeto como um todo, pois este será elaborado paulatinamente pela ação, pela avaliação e pelo replanejamento. Essa construção envolve a participação tanto dos alunos, quanto do educador; na medida em que as decisões e os encaminhamentos emergem das motivações do grupo, dos materiais e recursos disponíveis, das portas que se abrem – possibilitando novos embates, novos problemas, novas soluções – e principalmente, do estudo aprofundado que os professores realizam acerca da temática a ser estudada.

Nestas cartas para falar das portas que se abriram com este projeto em meu berçário falarei das crianças pequenas como protagonistas de suas histórias. Em consonância com Brasil (2012, p.73) as crianças são consideradas como capazes:

Sabem o que querem, selecionam os objetos de seu interesse e têm seus modos de manipulá-los. No brincar não há certo nem errado: experimentar várias vezes, “errar”, tentar de novo, sem a cobrança de resultados “corretos”. A professora que não sabe que os bebês têm saberes não oferece desafios e, num círculo vicioso, impede a descoberta de novas situações. É como se, desde cedo, a professora marcasse os bebês com o rótulo de incompetência, antecipando seus fracassos.

Antes, então, de montarmos a barraquinha, chamei a atenção da turma com uma salva de palmas, e lhes convoquei: *O HEN trouxe-nos uma surpresa! Quem quer ajudar os professores a descobrir o que será que ele nos trouxe?* Todos ficaram a nossa volta muito intrigados, sendo que HEN estava nitidamente contente com o destaque que lhe foi dado.

A arrumação do espaço foi cuidadosamente discutida por nós, educadores, antes de nos aventurarmos na montagem da barraca. Em primeiro lugar, convidei todas as crianças para sentarem, o que foi atendido pela maioria. Em seguida, perguntei a elas se alguém sabia o que poderia estar naquele saco comprido e estreito, onde estava a barraca. Poucos se arriscaram a adivinhar. DAV, de dois anos, disse que ali estava seu gatinho e STH, de um ano e onze meses, afirmou que ali estava a bolsa da mamãe. THE pediu para segurar em sua mão o saco e, em seguida, todos quiseram fazer o mesmo e explorar o peso do saco, sua textura, cores e outras propriedades. Com a permissão de HEN, que foi preparado pela professora para “emprestar” o que havia trazido de sua casa, principiamos, então, a abertura deste material. As crianças estavam extasiadas e ansiosas para ver o que tinha ali. Nesse sentido Brasil (2012, p. 73), afirma que:

O brincar é a coisa mais importante para as crianças, a atividade mais vital, pela qual elas aprendem a dar e receber, a compreender a natureza complexa do ambiente, a solucionar problemas, a relacionar-se com os outros, a ser criativa e imaginativa. Para evitar que se diga: “Ah! Ela está só brincando!” ou “Quando parar de brincar, venha fazer algo mais útil”, é importante criar ambientes estruturados que dão qualidade para o brincar, com a participação da professora e de outras crianças.

Era bonito ver que todas as crianças sorriam, alguns gritavam e faziam expressões de surpresa a cada peça que o Leo ia tirando do saco. HEN estava muito eufórico, sentado do lado de SOP, de um ano e três meses, juntos começaram a bater palmas e comemorar com vivas o evento.

Delimitamos, então, um bom espaço livre, formando um “limite” com uma “centopeia” bem comprida, confeccionada de tecido e cheia de alças, que usamos para passear pela escola. Nesse espaço livre de brinquedos habituais, iniciamos a montagem com a ajuda de Leo, o estagiário, que ia retirando do saco as peças enquanto eu ia perguntando às crianças o que elas achavam que era cada objeto. Leo surpreendeu-me ao convidar as crianças para ajudar a encaixarem as peças. Não havíamos combinado isso. Ele ia comentando com as crianças que necessitava de ajuda, pois era difícil descobrir o que havia ali no saco. Durante a montagem, vivenciamos momentos muito engraçados como o que THO, de dois anos e 1 mês,

experimentou ao ficar todo atrapalhado quando teve de segurar uma das pontinhas da barraca enquanto a outra era encaixada por Leo. THO exclamou: “*Uauuuuuu*”, ao conseguir fazê-lo. Brasil (2012) diz que, quando envolvida na exploração de qualquer objeto ou brinquedo, a criança se esforça, presta atenção e se empenha no que está fazendo, mostrando sua concentração e perseverança para brincar.

O material era grande o que promovia movimentos de motricidade global. Algumas crianças como ISA, de um ano e três meses, e ART, de um ano e dois meses, se alongavam para enfrentar o desafio proposto por Leo.

Segundo Wallon (1989), as crianças preferem um material sem forma que possam usar a bel-prazer, ainda que seja com a grande convivência de seu imaginário infantil, ao objeto premeditadamente construído e eficientemente organizado.

Não demorou muito e a barraquinha começou a tomar forma. Nesse momento, todos estavam envolvidos. Ao terminar a montagem, convidei todos a “aprofundarem-se” naquela experiência tão interessante. LUC, de dois anos, ficou estupefato apenas olhando no que tinha se transformado o saco estreito e comprido. YSM, de um ano e cinco meses, entrou, rapidamente, na barraca, sendo que outros colegas o seguiram. ROB, de um ano e quatro meses, e LUC, da mesma idade, foram rapidamente buscar os livros de história que ficam em uma prateleira ao seu alcance para levar para dentro daquele ambiente. CAM, de um ano e nove meses, pegou três bonecas e uma pequena pá na estante de brinquedos, levando-as para o interior da barraca e dando-lhes comida, THO se juntou com as bonecas de CAM e também quis provar daquela deliciosa refeição imaginária.

Sei que no meio dessas vivências lúdicas tão ricas que aconteceram naquele dia chuvoso, me ocorreu a ideia de desenvolver este estudo a partir da surpresa e do interesse que a montagem da barraquinha de HEN havia causado na sala do Berçário. Fundamento esta escolha a partir de Barbosa e Horn (2008, p. 40) “a organização do trabalho pedagógico por meio de projetos precisa partir de uma situação, de um problema real, de uma interrogação, de uma questão que afete ao grupo tanto do ponto de vista socioemocional quanto cognitivo”.

Construí, então, a partir desse evento, um Projeto Pedagógico com as crianças do Berçário II. E vou continuar as histórias desta carta cheia de novidades contando como tudo ocorreu.

## DESENVOLVIMENTO DAS SESSÕES - CARTAS METODOLÓGICAS

Ao chegar à escola, todos os dias às oito horas, recebia as crianças com brinquedos, saudando-as uma a uma da maneira como gostam de ser acolhidas, e esperava até as nove horas, momento em que elas tomavam seu primeiro lanche.

Logo após, organizava o ambiente para montar novamente a barraca de HEN, também colocando músicas infantis no aparelho de som, observando e documentando com fotografias, bem como, realizando registros dos momentos em que as crianças interagiam com este brinquedo que tanto os havia interessado. Sem interferências desnecessárias de nenhum adulto, as crianças do Berçário faziam trocas. Só intervínhamos nos casos que houvesse riscos para a segurança e a convivência pacífica entre as crianças. Como enfatiza o documento Parâmetros de Qualidade para a Educação Infantil (MEC, 2006, p.15)

Crianças expostas a uma gama ampliada de possibilidades interativas têm seu universo pessoal de significados ampliado, desde que se encontrem em contextos coletivos de boa qualidade. Essa afirmativa é considerada válida para todas as crianças, independentemente de sua origem social, pertinência étnico/racial, ou credo, desde que nasçam.

O brincar é uma atividade bastante própria da infância, mas há quem acredite que bebês são muito pequenos para brincar e usam brinquedos e objetos apenas distraidamente. Por outro lado, professores e ajudantes, inseridos no contexto cotidiano do berçário, consideram a criança como um sujeito autônomo e acreditam em suas capacidades, mesmo que os bebês não estejam hábeis para mobilizar objetos sozinhos e dependam da colaboração de um adulto. Segundo os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (2006, vol. 1, p. 16) “(...) é imprescindível levar em conta que as crianças desde que nascem são cidadãos de direitos; indivíduos únicos, singulares; seres sociais e históricos; seres competentes, produtores de cultura; e indivíduos humanos, parte da natureza animal, vegetal e mineral”.

Assim nessas sessões que duravam cerca de trinta minutos, procurei historiar o brincar das crianças não como uma maneira de ocupar o tempo, mas de registrar efetivamente as linguagens que lhes fornecem elementos de expressão, sendo que são por meio destas expressões que eles desenvolvem múltiplas formas para aprender e descobrir seu mundo.

Nessa perspectiva, o cotidiano da Educação Infantil acolhe as várias dimensões do cuidar/educar, tendo os princípios éticos, políticos e estéticos, conforme citado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009), como bases para a construção de sujeitos históricos que descubrem o mundo, reinventam o cotidiano, criam conhecimentos por meio das interações e elos que estabelecem.

E ao contemplar as dimensões do brincar neste Berçário vou continuar a contar esta história partilhando afetos e significados de onde escrevo estas minhas cartas de Educadora Infantil.

## **GRUPO ESTUDADO – CARTAS TÃO NOSSAS**

A escola onde foi realizado este estudo e de onde chegam estas cartas tão nossas está localizada em uma área em processo de urbanização, onde ocorreu uma ocupação por parte de pessoas “sem teto”, na região Sul de Santa Maria.

Ela atende aproximadamente 375 crianças de 4 meses a 6 anos, das 8h às 17 horas, distribuídas em 17 turmas que vão de berçário à pré-escola.

A equipe diretiva é composta por diretora e vice-diretora, eleitas pela comunidade escolar, e duas coordenadoras pedagógicas, uma para cada turno. Na escola ainda é oferecido atendimento especializado para crianças com deficiências.

A escola é uma das únicas escolas municipais de Educação Infantil planejada para atender crianças pequenas e por isso possui uma boa estrutura física, com salas bem arejadas e espaçosas. Todas as salas tem saída direta para a área externa (solários e pracinhas), sendo que as salas das turmas integrais (berçários e maternais) tem condicionares de ar para oferecer maior conforto térmico às crianças.

A escola tem crescente demanda por vagas e por isto, excluindo, a sala de direção, o refeitório e a cozinha, todos os outros ambientes são sala de aula. A turma onde foi realizada o estudo é a que atendo e na qual são acolhidas 25 crianças, de um a dois anos aproximadamente, em regime integral.

O Berçário II, como a turma é denominada na escola, possui uma professora e duas auxiliares por turno, estagiárias do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE), cursando o ensino médio, todas oriundas da própria comunidade.

As salas de aula são grandes, e é neste espaço onde está disposto o mobiliário, que acontece a prática pedagógica com as crianças. A sala é provida com sete berços, duas estantes com brinquedos, parcialmente ao alcance das crianças; dois armários para armazenar roupas e materiais, tatames e espelho. O espaço tem dois fraldários divididos por uma pia para a realização da higiene das crianças. Dispõe ainda de uma área externa privativa, solário, onde as crianças realizam atividades recreativas.

As crianças do berçário II fazem as refeições na sala de aula. Porém, a partir do segundo semestre, quando tiverem mais autonomia irão utilizar o refeitório.

Com estas considerações em relação ao contexto onde foi desenvolvido o plano de ação deste estudo, delineio, a seguir, o problema: É possível trabalhar com a metodologia de projetos no Berçário II criando por meio desta metodologia atividades diversificadas, significativas e lúdicas para os bebês?

Nesse estudo discutirei as trocas analisadas em sete momentos com as crianças do berçário II:

A primeira sessão, embora não planejada, da montagem da barracinha de HEN, foi a que deu início ao estudo, uma vez que foi a partir dela que se delinearam as ações, que contavam com o interesse das crianças.

A segunda e terceira sessões foram os momentos em que fizemos novamente a montagem da barraca junto com as crianças no ambiente da sua sala e no solário, utilizando música. As crianças ouviram músicas como: *A Casa é Sua* e *A Nossa Casa* de Arnaldo Antunes, canções infantis de Vinícius de Moraes, e ainda o repertório dos grupos Palavra Cantada e Pandorga da Lua. Nessa oportunidade, distribuí os brinquedos para que os utilizassem ali. Nessas sessões, ainda, registrei interações e atividades lúdicas através de fotografias e apontamentos sobre o que falavam as crianças.

Na quarta e quinta sessões distribuí caixas grandes de papelão para que as crianças explorassem este material e fizessem, agora com a ajuda dos adultos de sua turma, suas próprias barracas. Registrei também as falas e fiz fotos das crianças durante as suas interações.



A sexta e sétima sessões foram dedicadas às montagens das barracas feitas pelas crianças (caixas) e suas brincadeiras a partir delas e com elas. Nestes momentos as crianças desenharam, pintaram, exploraram texturas e sabores.

Em todas as sessões procurei promover o brincar dessas crianças, bem como, estimulando, a partir da montagem da barraca e das caixas de papelão, as interações entre as crianças. Tais atitudes são resultado da minha percepção docente sobre os bebês como sujeitos ativos, capazes de aprender, e sobre a importância do brincar como elemento de extrema relevância para o seu desenvolvimento integral.

Malaguzzi (1999, p. 5 ) diz que a criança participa do mundo que vive de diferentes maneiras, contrariando o conceito de que é somente a partir do momento da aquisição da fala que ela começa a se comunicar e a descobrir o mundo a partir de suas sensações.

A criança é feita de cem. A criança tem cem mãos, cem pensamentos, cem modos de pensar, de jogar e de falar. Cem, sempre cem modos de escutar as maravilhas de amar. Cem alegrias para cantar e compreender. Cem mundos para descobrir. Cem mundos para inventar. Cem mundos para sonhar. A criança tem cem linguagens (e depois, cem, cem, cem), mas roubaram-lhe noventa e nove. A escola e a cultura separam-lhe a cabeça do corpo. Dizem-lhe: de pensar sem as mãos, de fazer sem a cabeça, de escutar e de não falar, de compreender sem alegrias, de amar e maravilhar-se só na Páscoa e no Natal. Dizem-lhe: de descobrir o mundo que já existe e de cem, roubaram-lhe noventa e nove. Dizem-lhe: que o jogo e o trabalho, a realidade e a fantasia, a ciência e a imaginação, o céu e a terra, a razão e o sonho, são coisas que não estão juntas. Dizem-lhe: que as cem não existem. A criança diz: ao contrário, as cem existem.

Nesse conjunto se localizam os desafios do meu estudo com estes bebês, já que estas crianças pequenas não tem domínio da sua língua, mas expressam de muitas outras formas o que desejam, o que as inquieta, o que não gostam e suas preferências, o que lhes chama a atenção e o que lhes despertam as emoções e sensações. A disponibilidade de estar com estas crianças, reconhecendo suas formas de se constituir e interagir com o outro e consigo, com o ambiente, fez com que eu me encontrasse com a necessidade de pensar a especificidade deste plano de ação.

Realizei, desse modo, a construção de narrativas de práticas pedagógicas, respeitando sua contextualização e o modo como se sucederam, dando sentido aos percursos individuais e estabelecendo significados sociais no espaço coletivo e institucional de cada uma das crianças. Rinaldi (2012, p. 185), acredita que:

Um manancial de documentação (vídeos, fitas cassete, notas escritas etc.) desenvolvido e utilizado durante esses processos é importante por que: torna visível, ao menos em parte, a natureza dos processos e estratégias de aprendizagem utilizados pela criança. Isso significa que o professor e, acima de tudo, as próprias crianças podem refletir sobre a natureza do processo de aprendizagem enquanto estão aprendendo; isto é, enquanto estão construindo conhecimento. Não uma documentação de produtos, mas de processos, de trilhas mentais.

As narrativas das crianças deixaram evidente para o meu papel como Educadora Infantil e para as crianças que participaram deste estudo junto comigo que os projetos produzem conhecimentos, estimulam novas habilidades, estabelecem interações e dinamizam as múltiplas linguagens no processo de desenvolvimento das crianças.

## **ANÁLISE DAS SESSÕES – CONTEXTOS EM CARTAS TEÓRICAS**

Para continuar escrevendo estas cartas da escola onde atuo e para conhecer melhor as crianças e seus processos de desenvolvimento neste projeto busco os olhares de pessoas que pesquisando o cotidiano dos berçários na Educação Infantil escreve comigo agora considerações importantes sobre os contextos estudados no meu berçário.

Pensando as ações observadas durante as sessões, comecei a ver e ler várias vezes os registros feitos para perceber seu conteúdo global. Primeiramente, evidenciei que existem momentos em que as crianças brincam sozinhas e outros, os mais numerosos, em que brincam em grupo.

Os períodos em que as crianças agem sozinhas são menores. Outra coisa a dizer sobre estes períodos em que as crianças atuaram isoladamente é que eles foram diminuindo de uma sessão para a outra.

Outro fato relevante é que, embora este berçário seja composto por vinte e cinco crianças, elas nunca brincaram todas juntas. Reuniram-se frequentemente em subgrupos de mais ou menos quatro a seis, sendo que estes subgrupos foram refeitos à medida que aconteciam as brincadeiras e as interações.

As crianças se organizaram de formas muito variáveis. Caracterizarei três delas:

- As crianças agruparam-se para explorarem o objeto desconhecido, nesse caso a barraquinha de HEN ainda ensacada. Demonstraram este interesse coletivo até descobrirem o que as

estava impressionando e gostaram muito de brincar com os adultos, visto que também nós, professora e estagiários, estávamos sendo desafiados por uma situação nova.

- As crianças agruparam-se a partir de atividades corporais globais: algumas crianças começaram a andar em meio círculo, de um lado para o outro, quase que se jogando em cima do limite colocado pela professora, com um sentimento de contentamento, para colaborarem com a montagem da barraca. Outras batiam palmas e pulavam, sendo que tal agitação motora demonstrava o quanto a transformação do saco em barraca estava atraindo-os. Depois, em um próximo passo do projeto, as crianças começaram a chamar a barraquinha de casa e daí foi oferecido a eles caixas de papelão grandes para que as explorassem e fizessem delas as suas casas e casinhas como a barraquinha de HEN. Nestes momentos de exploração das caixas, observei que as crianças se organizaram por brincadeiras, como esconde-esconde, pular obstáculos, pintar e desenhar nas caixas e com as caixas. Nesses momentos, uns convidavam os outros a se aproximarem das atividades propostas por meio de olhares, pantomimas, sinais e vocalizações.

- Os bebês brincaram sozinhos dentro da barraquinha de HEN ou mesmo com as caixas de papelão. Esses momentos eram breves, mas muito prazerosos.

Analisarei agora, por meio de outros estudos e pesquisas, as três caracterizações feitas a partir dos registros deste projeto:

As trocas aconteceram predominantemente durante as explorações. Os bebês descobriram-se e se aventuraram neste projeto e por isto o intitulei: “Me descobrindo”. Penso que é um bom nome para ilustrá-lo, visto que, nele, as crianças do Berçário II foram expostas a uma multiplicidade de desafios.

Primeiramente, a montagem da barraquinha chamou a atenção de quase todos os bebês. Chamei-os com uma salva de palmas e todos eles sentaram-se na minha frente, praticamente em meio círculo. Nesse momento, seus olhares revelavam desejos e vontades em relação ao desconhecido. Isso me leva a pensar que crianças se interessam mais por propostas lúdicas onde haja o elemento da surpresa, ao mesmo tempo em que me dou conta que há muito de educativo no imprevisto. É importante ver e escutar o que há de alegria, de extraordinário, de movimento no convívio diário com os bebês. Entendo melhor essa questão pensando por meio das ideias de Craidy e Kaercher (2001, p. 105)

O brincar proporciona a troca de pontos de vista diferentes, ajuda a perceber como os outros o veem, auxilia a criação de interesses comuns, uma razão para que se

possa interagir com o outro. Ele tem, em cada momento da vida criança, uma função, um significado diferente e especial para quem dele participa.

Outro fator a ser analisado a partir desta primeira categoria é a atitude do professor que brinca e se entusiasma junto com as crianças na atividade lúdica. Mediar e ser ativa nas brincadeiras dos bebês é um papel fundamental para qualificar as interações entre eles. O brincar vai além de meramente divertir os bebês. Ao brincar junto com as crianças, a professora possibilita a manifestação de sentimentos, emoções e pensamentos, auxiliando no desenvolvimento das crianças pequenas, ao mesmo tempo em que, promove vivências ricas e laços afetivos. Brasil (2012, p.38) afirma que:

Na educação infantil é fundamental a integração dos tempos de cuidar, educar e brincar. O planejamento coletivo sobre o uso do espaço físico da creche por professoras e gestoras, facilita a integração entre cuidar/educar e brincar em todos os tempos da permanência da criança na creche.

Para caracterizar bem esta primeira categoria, descreverei um fato acontecido durante a sessão: SOP e ART, de dois anos, ao me verem entrando na barraca de HEN e explorando aquele espaço logo entravam também e me ofereciam comidinhas imaginárias. SOP faz de conta que esfria antes de me oferecer algo que ela recomenda: “*come tudo pofe*”. ART ri e abre a boca, esperando também a sua colher. Enquanto isto acontecia JUL, ISA e LUI, começam a realizar ações como esta. O que se percebe é que a atividade de SOP, ao brincar com a professora, interessa várias crianças, que começam a fazer o mesmo. As que agora “imitam” se aproximam de quem teve a iniciativa e juntos continuam respectivamente a mesma atividade. Os olhares e a alegria que trocam indicam igualmente o desejo de realizar atividades juntos. Sobre a atuação do educador que brinca com suas crianças Rinaldi (2012, p. 108) fala de redescobrir o desejo:

Talvez não estejamos totalmente cientes do significado de *progettare*, mas podemos ter a certeza de que, se tirarmos de uma criança a habilidade, a possibilidade e a alegria de projetar e explorar, essa criança vai morrer. A criança morre se tirarmos dela a alegria de perguntar, de examinar e de explorar. Ela morre se não perceber que o adulto está suficientemente próximo para ver quanta força, quanta energia, quanta inteligência, inventividade, capacidade e criatividade ela tem. A criança quer ser vista, observada e aplaudida.

É preciso que o educador infantil disponibilize-se a ofertar a única coisa que tem, efetivamente, a dar, ou seja, ele mesmo: conhecimento, afago, dedicação, valores e cuidados. Ao adulto cabe o relevante papel de garantir um legado ético e cultural à criança pequena.

Assim a segunda categoria mostra que o brincar agrega, cria elos, favorece relações. E isso foi possível notar no projeto onde todas as crianças do berçário compartilharam do mesmo brinquedo. Esse grupo de bebês tiveram acesso a uma cultura lúdica por meio de algo que as estimulou estar juntas. Elas escolheram explorar a barraca de HEN e juntas começaram a chamá-la de casa. Logo, algumas crianças como NAT, de um ano e três meses, e ISA, de um ano e dois meses, chamaram a barraquinha de “*minha casa*” e foi aí parti para o segundo passo na execução do projeto, nessa ocasião, ofereci muitas caixas de papelão grandes e observei o que fariam a partir delas. Cada criança se agrupava com outras em uma caixa e nela se escondiam e apareciam. Cantavam e levavam até elas outros brinquedos. GUS E GAB, gêmeos, de um ano e cinco meses, e DER, de dois anos, carregavam sempre para dentro de sua caixa um telefone celular de brinquedo e um teclado de computador inutilizado, de dentro de sua caixa gesticulavam como se estivessem telefonando e diziam alô, despedindo-se brevemente. Manuseavam também os botões do teclado e o trocavam entre si, rindo. VIC e LUI levavam bonecas e panelinhas para “sua casa” e nanavam as bonecas, dando tapinhas em suas costas e dizendo: “*fecha o olho e nana agora, nana, nana, nana...*”.

Os jogos simbólicos e brincadeiras constituem-se como passaportes para a construção da subjetividade do bebê, o conhecimento do mundo, a relação com os outros, a experiência de processos internos de prazer e/ou dor e, em definitivo, uma oportunidade para que as crianças possam se desenvolver e viver. Nas caixas as crianças também brincaram de se esconder. Em outras oportunidades transformaram as caixas em túneis e obstáculos de brincadeiras psicomotoras. Dentro delas, ouviram músicas, poesias e desenharam. Durante estes momentos de interação observei que as crianças têm o desejo de se comunicar, de manifestar sua alegria, de estar juntos. O impulso em relação as outras acontece das mais diversas maneiras: olhando-se, fazendo mímicas, assumindo posturas corporais diferentes das que já estavam acostumados para explorar as caixas, falando novas palavras, em virtude de estarem envolvidas em uma atividade lúdica que lhes interessou. Como dizem Barbosa e Horn (2008, p. 79 e 80)

Nessa faixa etária, é fundamental considerar que as coisas importantes da vida a serem descobertas e conhecidas são a procura do olhar, o ser correspondido, o sorrir, a conversa (seja ela qualquer tipo de relação vocal), o tocar (contato motor), o

contato físico, a retenção de um objeto (dar, oferecer), o imitar, o esconder, os jogos de linguagem, os jogos de manipulação, as músicas, as saídas para o espaço externo, as festas, a vida em grupo. As atividades de sobrevivência como alimentar-se, banhar-se, brincar, dormir, comunicar-se verbalmente e relacionar-se com os companheiros, também são as grandes aprendizagens desse grupo etário.

Reitero que a creche é um lugar onde a sociedade está representada e por isso a reflete, há nela várias crianças que provêm de diferentes grupos sociais e que trazem suas histórias pautadas na forma como suas famílias e contextos se relacionam com elas. É preciso prestar atenção no que nos contam para que levemos em conta seus processos de desenvolvimento tão singulares. “Nestes contextos realça-se a comunicação linguística sobre a não-verbal, a cognição sobre o afeto, [...]”. (PEDROSA, 2009, p.17).

Ao brincarem com materiais tão diversos, como caixas de papelão, os bebês sentiram uma necessidade cada vez maior de explorar e experimentar. Organizar assim para as crianças da minha turma a exploração destas caixas em meio ao projeto permitiu a interação com diversos tipos de outros materiais e brinquedos, bem como oportunizou o prazer de entrar em um espaço diferente e atrativo. Isso ampliou o inventário de saberes dos bebês no âmbito de suas sensações e percepções. Para Barbosa e Horn (2008, p. 57)

Desse modo, apesar de partirem de situações significativas e concretas da vida das crianças, os projetos devem ajudá-las a afastarem-se das mesmas. As especificidades e particularidades nas quais estão imersas em sua vida cotidiana e familiar deverão dar lugar à busca da integração em uma nova comunidade e de um outro tipo. Esse espaço de novas aprendizagens será composto por adultos (educadores) e de outras crianças (colegas) em um espaço diferente, simbólico, abstrato. Enfim, é importante que a criança possa mergulhar em um mundo de significados gerais que estão ligados ao que ela vê e faz.

Em alguns momentos, as crianças brincavam sozinhas com as caixas e ou na barraca de HEN. Destaco estas brincadeiras como a terceira categoria que analisarei neste estudo. Acredito que os bebês podem participar ativamente de projetos estabelecidos a partir de seus interesses, quando terão oportunidades para desenvolverem-se. Nesse contexto, o contato com situações diversas, caixas, brinquedos, a luz do sol, o ar fresco, fazem com que cada bebê interaja na instituição de Educação Infantil de forma singular. Busquei estar atenta para perceber as ações e iniciativas dos bebês, como as que relato agora: Primeiro, NAT vai sentar-se dentro da casinha (modo como chamava a sua caixa). Senta-se e cantarola, batendo alternadamente no corpo com as mãos. Em seguida, levanta-se e grita contente, depois torna a se sentar e novamente cantarola. Segundo, GIO nem sempre dorme após o almoço, enquanto a

maioria de seus colegas descansa, às vezes, prefere ficar acordada e em vários momentos destes foi buscar uma caixa e nela sentava-se com um livro de histórias que pedia para eu lhe alcançar e ali folheava, interpretando-o à sua maneira. Terceiro, JUL, seguidas vezes, deitava-se sobre a sua casa e ali ficava “conversando com seus botões” sem deixar ninguém chegar perto dela. A valorização da dimensão de que o brinquedo e a brincadeira desenvolvem integralmente as crianças, desde que são bebês, potencializa a aprendizagem, o comportamento, a cognição e a afetividade. Destacando (BORBA, 2009, p.72), “para a criança o brincar assume uma centralidade como modo de agir sobre a realidade e de se relacionar com outros sujeitos – seus pares e adultos. Sendo assim muitos processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança ocorrem e são provocados nas e pelas atividades de brincadeira”.

As cenas descritas nesta categoria estão cheias de vivacidade e contribuem para que compreendamos que projetos e brincadeiras na Educação Infantil devem ser associados. E isso implica a necessidade de qualificar os espaços e as atividades nos berçários. Trata-se de tornar os contextos mais acolhedores e menos impessoais nesses espaços superando a ideia de que qualquer proposta serve para entreter as crianças pequenas.

Para Borba (2009, p.73 – 74 passim) está em evidência a ideia de que:

As brincadeiras com as crianças, desde bebês, envolvem uma sequência de ações organizadoras, que concorrem progressivamente para a apropriação de esquemas que lhes permitem iniciar e participar de brincadeiras com outras pessoas – crianças e adultos – e em outros contextos. Esses esquemas envolvem: formas específicas de expressar-se (gestos, falas, balbucios, risos, entonações, gestos estereotipados que marcam as etapas das brincadeiras etc.), de convidar o outro para brincar; movimentos sinalizadores da brincadeira; alternância dos turnos nas ações com o outro, vocabulários e construções verbais específicos. Essas estruturas gerais, aprendidas nas interações lúdicas que estabelecem com outros sujeitos de sua cultura, ampliam as possibilidades de participação e de criação de brincadeiras pelas crianças, a partir da transposição dos esquemas já incorporados para outros temas, espaços, tempos e referências culturais específicas.

Por muito tempo se pensou – e muitos educadores ainda pensam – que esse processo se dá de forma espontânea, sem intencionalidade, sem ideias, ainda mais quando se fala em planejar aulas para o berçário e no que tange a se pensar em projetos educativos para os bebês. Sobre isso Rinaldi (2012, p. 183) afirma

Para mim, entretanto, existe um fator determinante que raramente é levado em consideração. É o fato de que continuamos a falar da escola, do ensino e da aprendizagem utilizando apenas a linguagem verbal, a palavra falada e a escrita.

Gerações de educadores têm levado adiante sua formação inicial e seu desenvolvimento profissional continuado sem jamais refletir sobre a variedade de coisas que sabemos acerca do aprendizado com o seu contexto. E, em especial, abdicando da busca por novas formas, novas linguagens, que possam lhes permitir viver, partilhar, narrar e desempenhar os eventos do aprendizado.

Em contraposição a essa ideia, quero demonstrar por meio dessa prática pedagógica, que é muito importante organizar estratégias, prever materiais e recursos. Estou convencida de que as crianças, mesmo as menores, trazem saberes para a escola e aprendem por meio de interações mediadas pelo professor que as desafia para novas aventuras e compreensões. Segundo Barbosa e Horn (2008, p.74)

Os projetos com bebês têm seus temas derivados basicamente da observação sistemática, da leitura que a educadora realiza do grupo e de cada criança. Ela deve prestar muita atenção ao modo como as crianças agem e procurar dar significado às suas manifestações. E é partir dessas observações que vai encontrar os temas, os problemas, a questão referente aos projetos.

Entender, pois, os bebês, como sujeitos históricos, sociais, culturais e únicos dá uma dimensão fascinante e muito desafiadora para a Educadora Infantil, pois a ela caberá o trabalho de organizar os espaços e promover atividades lúdicas no projeto. Os espaços por ela pensados enriquecerão e incentivarão os pequenos a estruturarem novas experiências corporais, afetivas, sociais e se expressarem através das linguagens.

A criança é vista, hoje, como uma cidadã e como tal tem direito às brincadeiras, aos brinquedos e ao brincar. Essa é a concepção de criança que temos nos tempos atuais nos compromete como Educadores Infantis. Visto que se a brincadeira e os brinquedos são direitos da criança, cada educador do berçário necessita saber porque brincar é um direito também dos bebês e qual a importância que o brincar tem na vida deles. Corsino (2009, p.118) diz que

É na troca dos sentidos construídos e na valorização das diferentes vozes que circulam nos espaços de interação que a aprendizagem vai acontecendo. Isso faz da sala de aula um lugar de confronto de diferentes pontos de vista – das crianças, dos professores, dos livros e de outras fontes -, portanto, de produção e de apropriação de saberes. Adultos e crianças, mesmo de lugares diferentes, participam desse processo.

Quando oferecemos um brinquedo ou uma brincadeira a um bebê estamos lhe dando o direito e a liberdade de fazer escolhas, de dar a ele mesmo a decisão do que fazer com o



brinquedo, neste projeto, especificamente, a barraca e as caixas de papelão. Ao interagir com tais possibilidades, os bebês do berçário em que atuo puderam perceber sons, sensações, texturas, formatos, cores, em suas caixas, contemplaram poesias, música, cantaram e pintaram pelo prazer de cantar e pintar. Aprenderam uns com os outros a brincarem em um espaço social de experiências favoráveis à formação de vínculos e construções.

As oportunidades de brincar com seus parceiros de idade, observadas num conjunto de episódios apresentados, mostraram-se ser um espaço enriquecedor de experiências exploratórias e interativas, configurando-se em uma alavanca de conhecimentos e muito revelador da motivação que a criança possui para brincar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS – CARTAS PARA SEREM RESPONDIDAS**

Escrevendo estas cartas e já me dirigindo ao final delas fico sonhando do lugar onde estou como professora da Educação Infantil, que mais educadoras escreverão sobre contextos onde as crianças são protagonistas de suas aprendizagens. E isso me deixa feliz em remetê-las!

Do projeto educativo “Me descobrindo” ilustramos um livro com a poesia: “*A Casa é Sua*” de Arnaldo Antunes e ainda fizemos uma mostra das “nossas casas” na Festa da Família realizada pela escola, no primeiro semestre deste ano. Todos os membros da comunidade escolar se encantaram com as produções das crianças e estas ficaram muito felizes em participar de todo o processo que nos levou a estudar o seguinte problema: É possível trabalhar com a metodologia de projetos no Berçário II criando por meio desta metodologia atividades diversificadas, significativas e lúdicas para os bebês? Com base na alegria das crianças digo que sim, aliás, sim, respondemos todos juntos. É possível realizar projetos lúdicos no berçário e produzir conhecimentos neste espaço. Para Rinaldi (2012, p. 338) acerca de nossa conquista “não podemos viver sem teoria ou sem prática. Precisamos ser praticantes teóricos, e pensadores. E dar às crianças o valor e a experiência de ser um pensador”.

Estar na Universidade e viver a experiência de me renovar como professora de um berçário com vinte e cinco crianças, tornar-me especialista em Docência na Educação Infantil

me faz refletir agora sobre os objetivos traçados para este estudo que foram: redimensionar o tempo escolar no berçário para que o educar tenha espaço relevante no planejamento das propostas do berçário; desenvolver a prática de projetos educativos que interessem os bebês e desenvolver junto com eles a autonomia e a cooperação, promovendo aprendizagens no espaço do berçário. O que também me leva a refletir sobre as dificuldades diárias que temos para alcançar aquilo que nos propomos em prol de práticas mais qualificadas na Educação Infantil.

Quando redimensionamos o tempo escolar no berçário e planejamos atividades e projetos interessantes para os bebês, onde eles possam ser protagonistas de seus conhecimentos e histórias, estamos dando ênfase para uma educação que auxilia estas crianças a encontrar o sentido daquilo que fazem e vivenciam. A respeito deste processo Rinaldi (2012, p. 128 – 129 *passim*) destaca que

Não é somente a criança, individualmente, que aprende a aprender, mas o grupo se torna cômico de si mesmo como um “lugar de ensino”, onde as muitas linguagens são enriquecidas, multiplicadas, refinadas e geradas, mas onde também colidem, “contaminam”, formam híbridos umas com as outras e se renovam.

Vejo que a superlotação dos berçários é um grande obstáculo para desenvolver a prática de projetos na Educação Infantil. Na tentativa de suprir a procura por vagas para os bebês nos berçários, os gestores públicos aumentam a oferta de vagas, sem demonstrar a preocupação com a qualidade do serviço oferecido. Muitas professoras perguntam-se todos os dias como documentar pedagogicamente a vida de tantas crianças em suas salas de aula? Como acompanhar e acolher tantos processos de aprendizagem? Os gestores que atuam nos municípios e secretarias da educação devem estar atentos para estas questões e por meio de políticas públicas eficientes estabelecerem metas que garantam uma Educação Infantil de qualidade, tais como o cumprimento das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil que definem as escolas infantis como instituições abertas às famílias e à comunidade, como um local que oferece a efetivação de um direito social que todas as famílias têm, e que possui como objetivo garantir bem-estar para todos. E a construção das Pro-infâncias por considerar que a construção de creches e escolas de educação infantil bem como a aquisição de equipamentos para a rede física escolar desse nível educacional são indispensáveis à melhoria da qualidade da educação.

Somente brincando e projetando com intencionalidade o tempo das crianças no berçário é que vamos desenvolver junto com os bebês a autonomia e a cooperação capazes de promover aprendizagens. A brincadeira é em si mesma uma promotora de cultura. No brincar, as crianças vão se constituindo agentes de sua experiência social e a partir daí vão elaborando planos e formas de ações conjuntas. Nesse processo, Corsino (2009, p. 95) ressalta o quão necessário é

Levar em conta o diálogo com a expressividade das crianças, o incentivo às suas capacidades de criar cenas, narrativas (com vários suportes), invenção de situações, soluções inusitadas para as questões que emergem no coletivo, permitindo-lhes prosseguir, testar suas hipóteses, experimentar formas novas de relação, sustentar o que constroem.

Assim, me reporto novamente à questão da gestão das instituições que, muitas vezes, por não compreender as peculiaridades do trabalho com crianças pequenas, aplicam equivocadamente os recursos que a escola recebe. Muitas instituições priorizam outras necessidades, não ouvindo a opinião dos educadores com relação à aplicação das verbas. Os brinquedos e/ou jogos estão no final da lista de prioridades, mas como trabalhar na Educação Infantil sem estes recursos fundamentais?

A brincadeira é algo que pertence à criança, à infância. Através do brincar a criança experimenta, organiza-se, regula-se, constrói normas para si e para o outro. Ela cria e recria, a cada nova brincadeira, o mundo que a cerca. Quanto mais a criança brinca, mais ela se desenvolve sob os mais variados aspectos, desde os afetivos, emocionais, motores, cognitivos, psicomotores. É através da brincadeira que a criança vive e reconhece a sua realidade. A partir das brincadeiras, muito pode ser trabalhado com as crianças de uma forma que as escolas de Educação Infantil sejam ambientes prazerosos de aprendizagem. A partir da minha experiência como professora de crianças pequenas, pude verificar o quanto a metodologia de projetos pode ser uma alavanca que impulsiona o desenvolvimento e o aprendizado dos bebês nos berçários.

Quando envio cartas desejo que elas sigam o seu destino e encontrem os leitores para os quais foram destinadas. Desejo que estas que aqui foram escritas cheguem rapidamente e causem contentamento porque os professores da Educação Infantil há anos são lutadores e aprendizes de seu ofício e precisam de ajuda para melhorar sua prática quanto ao “o que” e ao “como” fazer, também precisam de boas leituras e uma formação continuada que valorize o espaço da brincadeira e dos projetos para as crianças pequenas.

Despeço-me feliz e aguardo em breve o retorno desta formação em docência na Educação Infantil que me fez uma nova professora, sobretudo nos avanços e conquistas revelados em nossos estudos e reflexões. Tenho certeza que a motivação pessoal que nos fez iniciar este caminho certamente nos permitirá continuá-lo, na busca permanente da construção de saberes. Até breve.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. G. S. **Projetos Pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BORBA, A. M.; A brincadeira como experiência de cultura. In: CORSINO, P. (Org.) **Educação infantil: cotidiano e políticas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009, p. 69 – 78.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica. **Brinquedos e brincadeiras de creche** – Manual de orientação pedagógica. Brasília: MEC/SEB, 2012.

CORSINO, P. (Org.) **Educação infantil: cotidiano e políticas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Ed. Artmed, 2001.

HORN, M. G. S. **Sabores, cores, sons, aromas**. A organização dos espaços na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MALAGUZZI, L. Histórias ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança**. Porto Alegre: Artes Médica, 1999, p.5.

OLIVEIRA, Z. R. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Editora Cortez, 2002.

PEDROSA, M. I. **A surpreendente descoberta**: quem é e o que pode aprender uma criança de até três anos. Brasília: MEC. 2009. Disponível em:  
<http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/18165615-Educriancascreches.pdf>. Acesso em 20 de novembro de 2011.

RINALDI, C. **Diálogos com Reggio Emilia** - Escutar, investigar e aprender. Paz e Terra. São Paulo. 2012.

WALLON, H. **As origens do pensamento na criança**. (1945/1989). Manole, São Paulo, S.P., 1989.